

Análise da Balança Comercial, das Potencialidades e dos Entraves Confrontados pelo Setor Pesqueiro Brasileiro, com Destaque para a Carcinicultura Marinha.

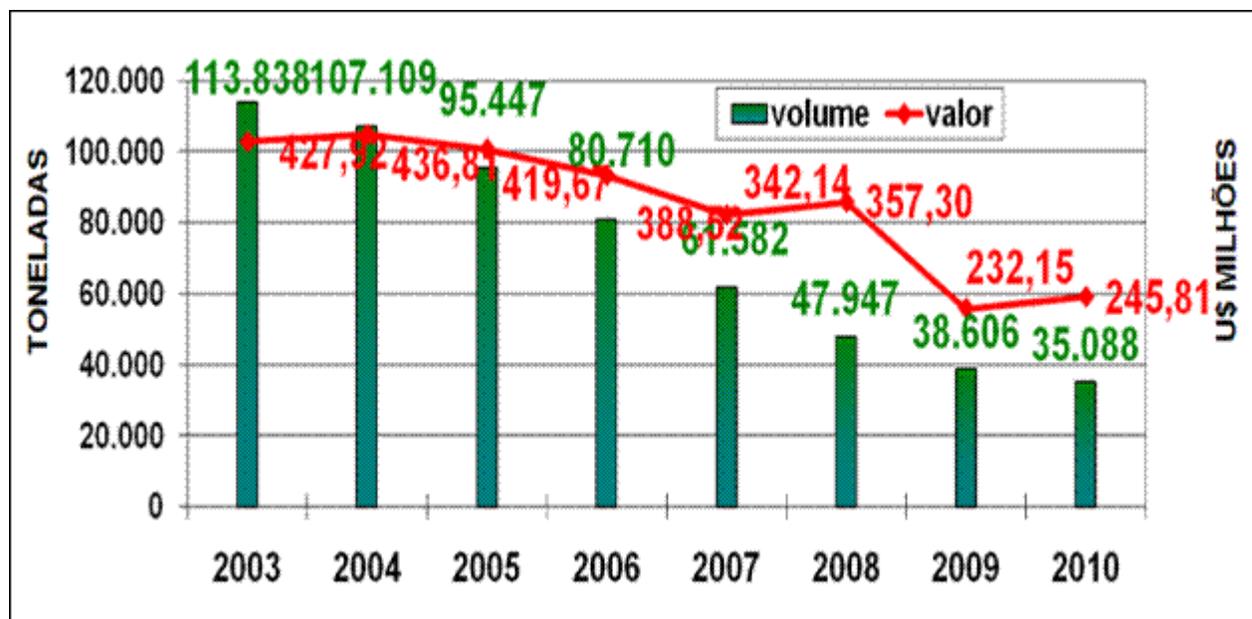
Itamar de Paiva Rocha, Eng^o de Pesca, CREA 7226-D
abccam@abccam.com.br

O setor pesqueiro nacional, que tem motivos para comemorar e enaltecer a aprovação e promulgação de dois instrumentos setoriais da maior importância institucional para a promoção e ordenamento de seu desenvolvimento (Lei de Aquicultura e Pesca e criação do Ministério da Pesca e Aquicultura), ainda se ressentia da falta de uma efetiva política pública de apoio ao crescimento sustentável de sua produção.

Com efeito, a falta de incentivos e de apoios específicos ao setor pesqueiro tem limitado a exploração dos vastos e variados recursos naturais, tanto via aqüicultura, quanto de importantes e significativos recursos oceânicos sobre os quais o Brasil detém cotas de exploração, que não estão sendo usadas sequer no mínimo da sua capacidade. Trata-se de produtos com forte demanda no exterior, mas que a desvalorização cambial sem a mínima compensação financeira contribuiu para que suas exportações fossem perdendo competitividade, e hoje se encontram economicamente inviabilizadas.

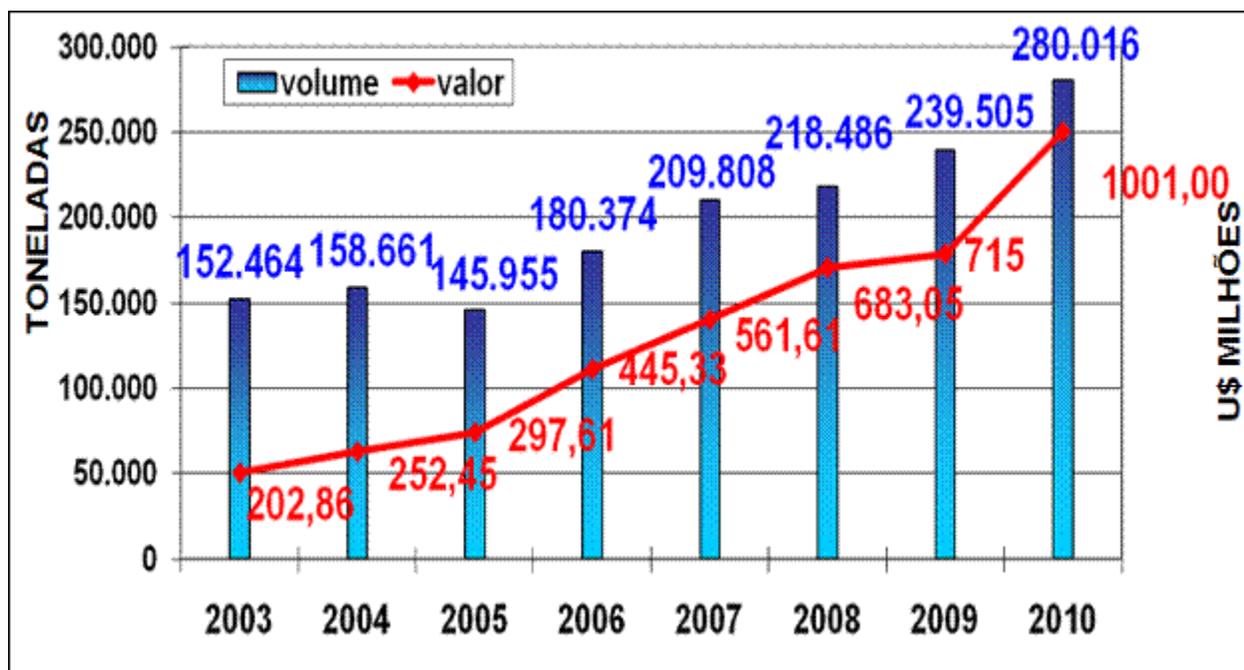
O importante trabalho realizado pela ABCC, com apoio da APEX/MDIC e do MAPA, entre 2002 a 2006, que levou a balança comercial de pescado ao superávit, foi totalmente prejudicado pelo acima exposto, com as exportações setoriais drasticamente reduzidas de 113.838 t e US\$ 427,92 milhões em 2003, para 35.088 t e US\$ 245,81 milhões em 2010 (Fig.01). O déficit de US\$ 755,2 milhões na balança comercial de pescado do Brasil registrado em 2010 afetou sobremaneira os aspectos sociais e econômicos de sua cadeia produtiva, com acentuada diminuição das oportunidades de negócios e empregos.

Figura 01 – Desempenho das Exportações de Pescado do Brasil em Volume e Valor (2003-2011).



O declínio das exportações de pescado ocorrido entre 2003 e 2010, em cujo caso, o governo, ao invés de conceder incentivos e compensações financeiras para superar a perda de competitividade decorrente da acentuada desvalorização cambial, tem priorizado as importações do setor sem consideração à origem e forma de produção, cujo volume e valor cresceram de 152.464 t e US\$ 202,86 milhões em 2003, para 280.016 t e US\$ 1,0 bilhão em 2010 (Fig. 02). Para 2011 as

projeções apontam um valor próximo de US\$ 1,3 bilhão, o que contribuiria para um déficit superior a US\$ 1,0 bilhão na balança brasileira de pescado.



setorialmente como o segmento mais organizado e importante da aquicultura brasileira, tendo apresentado um crescimento exponencial, tanto na produção (3.600 t – 90.190 t) quanto nas exportações: 400 t e US\$ 2,81 milhões em 1998, para 58.455 t e US\$ 226,0 milhões em 2003. (Fig. 03)

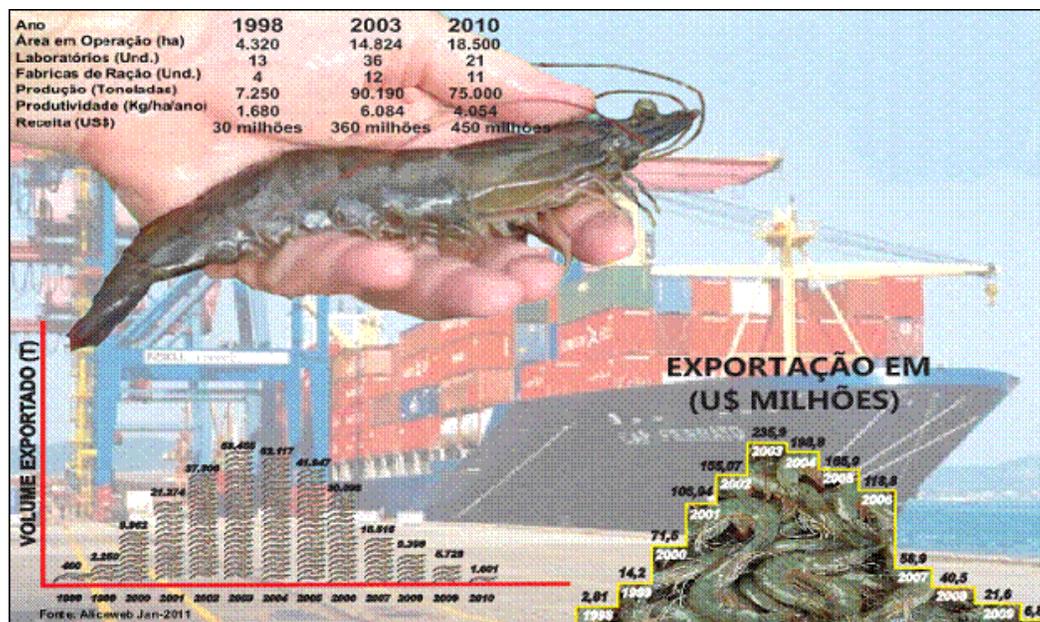


Figura 03 – Desempenho das exportações brasileiras de camarão cultivado (1998-2010).

A importância econômica da carcinicultura brasileira pode ser mais bem avaliada quando se observa que em 2003 o camarão cultivado ocupou o 2º lugar na pauta das exportações do setor primário da Região Nordeste e contribuiu com US\$ 226 milhões dos US\$ 427,92 milhões gerados pelas exportações do setor pesqueiro nacional.

Com a ação antidumping imposta pelos Estados Unidos ao camarão de vários países, inclusive do Brasil, seqüenciada pela desvalorização cambial sem a correspondente compensação financeira, o camarão brasileiro perdeu competitividade nas exportações obrigando o produtor a desenvolver ações e investimentos tanto para ajustar seus sistemas de produção como para comercializar seus produtos no mercado interno. Como resultado desse esforço, que incluiu promoção e divulgação, a participação do mercado nacional no destino do camarão cultivado do Brasil foi elevada de 22,0% em 2003 para 97,8% em 2010 (Figura 04).

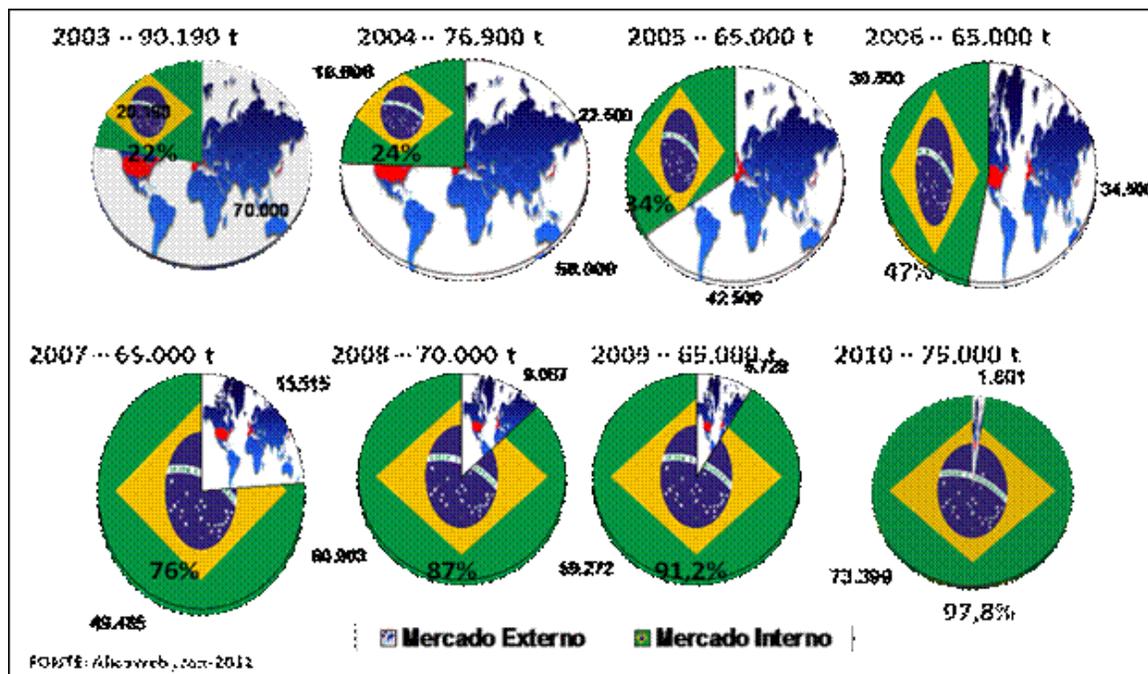


Figura 04 – Brasil: Destino da Produção de Camarão Cultivado

Graças a esse novo cenário da participação do camarão cultivado no mercado doméstico (de 22% em 2003 para 97,8% em 2010), favorável em termos de preço e demanda, a atividade está em franco processo de recuperação com projeções de crescimento de 15,0% a 20,0% para 2011.

Voltando ao ano 2003, antes da ação antidumping imposta pelos Estados Unidos a 5 (cinco) países (China, Índia, Tailândia, Vietnã, Equador e Brasil) produtores de camarão, o Brasil ocupava o 1º lugar das importações de camarão pequeno médio dos EUA, seguido pela China, Tailândia, Equador, Colômbia, etc.(Tabela 01). Com a vigência efetiva da referida ação, as 17.463 t (US\$ 72.143 milhões) dessa classificação exportadas para os EUA em 2003, foram reduzidas para 9 t (US\$ 51 mil) em 2010.

Tabela 01: Importações de Camarão de Pequeno e Médio Porte pelos Estados Unidos (2003/2010)

2003					2010					
TOTAL	PAISES	VOLUME	VALOR(US\$ X1000)	%	TOTAL	PAISES	VOLUME	VALOR(US\$ X1000)	%	VAR%
	BRASIL	17.463	72.143	23,51%		EQUADOR	20.405	104.372	40,36%	85,67%
CHINA	14.065	58.990	19,22%	TAILÂNDIA	9.502	51.323	19,84%	37,15%		
EQUADOR	12.547	56.214	18,32%	VENEZUELA	655	2.282	0,88%	-77,75%		
TAILÂNDIA	7.828	37.422	12,19%	CHINA	242	1.330	0,51%	-97,75%		
VENEZUELA	2.549	10.254	3,34%	BRASIL	9	51	0,02%	-99,93%		
SUB-TOTAL	54.451	235.023	76,58%	SUB-TOTAL	10.399	54.934	21,24%	-76,63%		
OUTROS	15.249	71.889	23,42%	OUTROS	38.802	203.694	78,76%	183,34%		
TOTAL	69.700	306.912	100,00%	TOTAL	49.201	258.628	100,00%	-15,73%		

Os efeitos do dumping norte-americano nas exportações de camarão dos países afetados mostram que a falta de compensações financeiras, como foi o caso do Brasil, fez a diferença. Basta comparar a situação do Brasil, cuja taxa de dumping imposta ao seu camarão foi de 7,05%, com o que ocorreu no caso da Tailândia com taxa de 5,95% (1,1% inferior à do Brasil), e notar que este país aumentou suas exportações para os Estados Unidos, de 133.220 t (2003) para 203.237 t (US\$ 1,5 bilhões) em 2010. Da mesma forma, as exportações de camarão do Equador, com dumping de 3,58%, passaram de 34.029 t/US\$ 211.258 em 2003, para 65.022 t/US\$ 407,4 milhões em 2010. O caso do Vietnã é mais ilustrativo; mesmo com uma taxa de dumping de 25,76% exportou para os Estados Unidos 48.357 t/US\$ 513,1 milhões, em 2010.

Fica claro, portanto, que a drástica redução das exportações de camarão do Brasil para os Estados Unidos (21.783 t em 2003 para 19 t em 2010), foi fruto da perda de competitividade pela ação antidumping sem que houvesse qualquer compensação financeira por parte do governo ao setor exportador (Tabela 02).

Tabela 02: Efeitos da Ação Anti- Dumping no desempenho das importações de camarão dos EUA.

PAÍSES	2003			TAXA DE DUMPING	2010			VAR. (%) VOL.
	T	US\$ 1.000	PARTIC. (%)		T	US\$ 1.000	PARTIC. (%)	
TAILÂNDIA	133.220	997.694	26,41%	5,95%	203.237	1.514.124	36,24%	52,56%
VIE TNÃ	57.378	594.890	11,37%	25,76%	48.354	513.096	8,62%	-15,73%
CHINA	81.000	443.869	16,06%	112,81%	48.801	278.309	8,70%	-39,75%
EQUADOR	34.029	211.258	6,75%	3,58%	65.022	407.438	11,59%	91,08%
ÍNDIA	45.469	408.907	9,01%	10,17%	30.157	309.085	5,38%	-33,68%
BRASIL	21.783	96.764	4,32%	7,05%	19	114	0,00%	-99,91%
SUBTOTAL	372.880	2.753.383	73,91%	-	395.590	3.022.166	70,54%	6,09%
OUTROS	131.615	1.007.066	26,09%	-	199.951	1.272.330	29,46%	51,92%
TOTAL	504.495	3.760.449	100%	-	560.814	4.294.496	100%	11,16%

2003 - Preço Médio = US \$ 7,45
2010 - Preço Médio = US \$ 7,64
FORNTE: NMFS, 2011.

Source: NMFS,2011

A constatação desse fato fica ainda mais evidente quando, em 2004, com o redirecionamento das exportações do camarão brasileiro, dos Estados Unidos para a União Européia, o nosso produto ocupou o primeiro lugar (43.019 t) nas importações de camarão tropical do Continente Europeu, seguido da Índia (38.107 t), do Equador (31.108 t), da Indonésia (31.013 t) e de Bangladesh (21.459 t). No entanto, a significativa desvalorização do dólar frente ao real, associada à recorrente falta de compensação financeira aos produtores brasileiros, contribuiu para que as exportações de camarão do Brasil fossem drasticamente reduzidas de 43.019 t (2004) para 2.157 t em 2010. Enquanto isso, em corroboração ao afirmado acima, as exportações de camarão da Índia e do Equador aumentaram respectivamente 47,28% e 150,34% no mesmo período (Tabela 03).

Tabela 03: Europa: Importações de Camarões de Águas Quentes (2004 – 2010).

PAÍS	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	CRESCIMENTO NO PERÍODO
BRASIL	43.019	40.093	32.504	18.158	9.570	6.460	2.157	-94,99%
INDIA	38.107	41.774	51.099	54.382	57.929	61.955	56.125	47,28%
EQUADOR	31.108	43.781	55.914	63.822	75.085	69.226	77.875	150,34%
INDONESIA	31.013	26.563	26.213	26.101	28.443	24.928	22.152	-28,57%
BANGLADESH	21.459	24.772	27.562	28.090	29.776	33.321	35.361	64,78%
CHINA	3.525	34.991	40.825	40.777	38.285	38.885	39.836	1030,10%

Quando se analisa o perfil das exportações pesqueiras do Brasil, fica ainda mais nítida a afirmativa de que a redução das exportações do setor tem por base a falta de compensações financeiras para recuperar a sua competitividade afetada de forma direta pelo dumping norte americano e pela desvalorização do dólar em relação ao Real. Basta verificar o acentuado declínio das exportações do atum (de 4.262 t para 488 t), da corvina (de 5.506 t para 2.065 t), de outros peixes congelados (de 19.270 t para 8.094 t), e, finalmente, do camarão (de 60.847 t para 2.287 t), as quais, no seu conjunto, foram reduzidas em volume de 113.838 t em 2003 para 35.088 t em 2010 (Tabela 04).

Tabela 04 – Principais Produtos Exportados pelo Setor Pesqueiro Brasileiro, no Período de 2003 a 2011, em Volume.

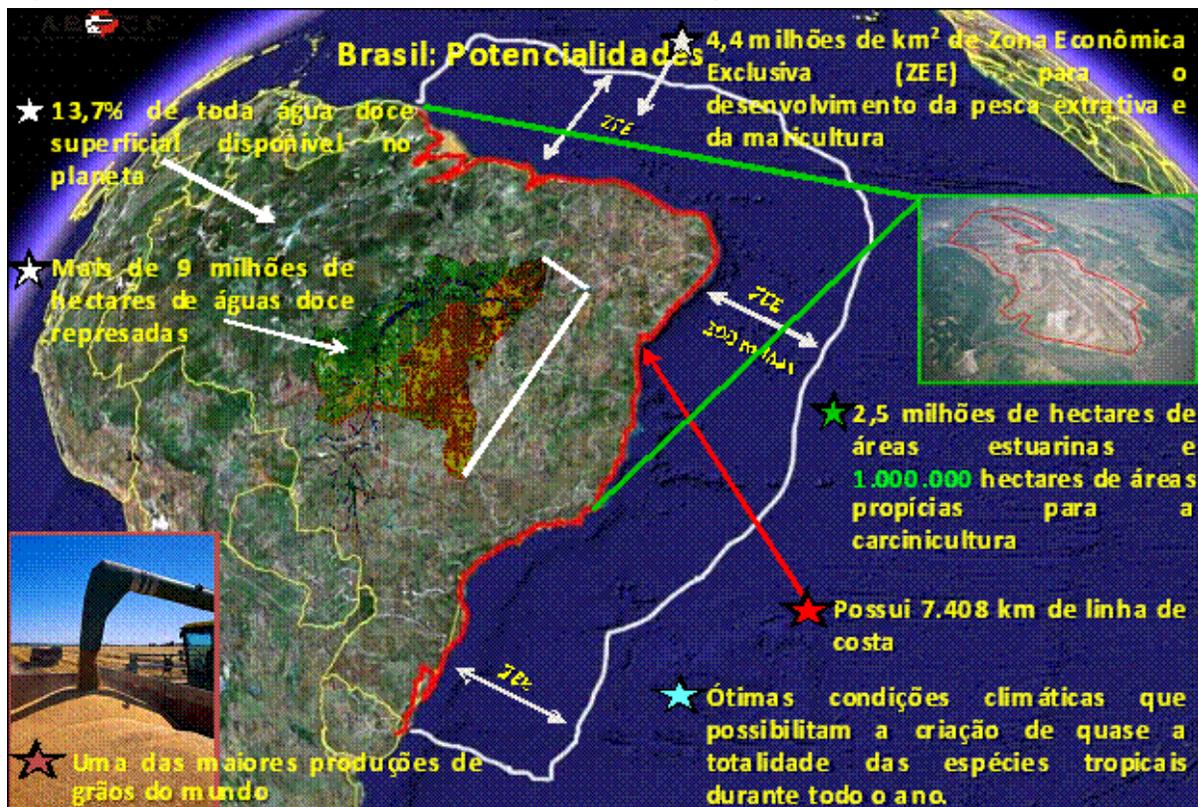
PRODUTOS	VOLUME (t)		COMPARATIVOS		
	2003	2010	% Part 03	% Part 10	Desempenho
OUTS. PEIXES CONGELADOS E FRESCOS	19.279	8.094	16,94%	23,07%	-58,02%
CAMARÕES	60.847	2.287	53,45%	6,52%	-96,24%
CORVINAS	5.506	2.065	4,84%	5,89%	-62,49%
ATUNS	4.262	488	3,74%	1,39%	-88,54%
SUB-TOTAL	89.895	12.934	78,97%	36,86%	-85,61%
OUTROS	17.922	15.520	15,74%	44,23%	-13,40%
CONSERVAS	6.021	6.634	5,29%	18,91%	10,18%
TOTAL	113.838	35.088	100,00%	100,00%	-69,18%

Fonte: Aliceweb, 2011

Frente a essa situação, o Brasil, além de não adotar medidas para deter ou reverter o processo, incentiva as importações de pescado, inclusive oriundas da aquicultura da China e do Vietnã, de tal ordem que em 2010 o valor total de todas as importações alcançou 280 mil toneladas, correspondentes a US\$ 1,0 bilhão. Paralelo a essa incomoda situação, o seguro desemprego/defeso pago aos pescadores artesanais cresceu de R\$ 62,0 milhões em 2002 para R\$ 1,3 bilhões em 2010.

Causa espanto ver esse fato ocorrer num país que conta com 4,4 milhões de km² de Zona Econômica Exclusiva, 2,5 milhões de hectares de áreas estuarinas, 1,0 milhão de hectares de áreas apropriadas para a carcinicultura marinha, 9 milhões de hectares de água doce represada, disponíveis para a piscicultura, afora 8.233 km³ de água doce renovável, bem como 13,7 % da água doce do planeta e excepcionais condições edafo-climáticas (Fig. 05).

Figura 05: Potencialidades naturais do Brasil para a exploração aquícola, maricultura e pesca oceânica.



Esse enorme e invejável potencial, associado à estratégica posição geográfica do Brasil em relação ao mercado norte-americano e europeu e à invejável produção de grãos, dá ao nosso país uma condição excepcional para a produção de pescado via aquícultura.

Entretanto, a ineficiência brasileira na exploração dos seus múltiplos recursos dulci-aquícolos por meio da aquícultura pode ser avaliada na análise das Tabelas 05 e 06, que a título de exemplo se apresenta, as quais destacam informações técnicas e dados estatísticos que comparam o Brasil com diversos países detentores de recursos naturais muito mais limitados.

Tabela 05: Análise Comparativa das Áreas Agriculturáveis, Recursos Hídricos Renováveis e Produção Aquícola (x1.000 T) de vários Países.

PAÍSES	CHINA	BRASIL	INDONÉSIA	TAILÂNDIA	VIETNÃ	EQUADOR
ÁREA (Ha)	960.000	851.488	190.457	51.312	33.121	25.637
ÁREA AGRÍCOLA (Ha x 1000)	522.544	264.500	48.100	19650	10.057	7.445
ÁREA DE FLORESTAS (Ha x 1000)	201.334	523.910	95.802	18.942	13.509	10.260
OUTRAS TERRAS (Ha x 1000)	208.871	57.531	37.255	12947	7441	7.131
RECURSOS HÍDRICOS RENOVÁVEIS (km ³)	2.829	8.233	2.830	409	891	432
PRODUÇÃO DE AQUICULTURA (t)	45.284	416	4.713	1.396	2.590	218
PRODUÇÃO DE PISCICULTURA (t)	19.575	337	1.376	484	1.957	39
PRODUÇÃO DE CARCINICULTURA (t)	1.334	65	337,014	538,953	411	179

Tabela 06: Principais Produtores e Evolução da Produção Mundial de Aquicultura (x1.000 T).

PAÍSES	1998	2008	Cresc. da Produção (%)	Participação na Produção (%)
	Produção (T)	Produção (T)		
China	24.414.010	42.674.498	74,80%	62,44%
Índia	1.908.485	3.478.692	82,28%	5,09%
Indonésia	747.007	3.854.844	416,04%	5,64%
Filipinas	997.841	2.407.698	141,29%	3,52%
Vietnam	350.920	2.497.400	611,67%	3,65%
Coreia do Sul	796.632	1.394.818	75,09%	2,04%
Tailândia	594.579	1.374.024	131,09%	2,01%
Japão	1.290.486	1.187.774	-7,96%	1,74%
Bangladesh	574.812	1.005.542	74,93%	1,47%
Chile	351.430	870.845	147,80%	1,27%
Sub - Total	32.026.202	60.746.135	89,68%	88,88%
Brasil	103.915	290.186	179,25%	0,42%
Outros	4.289.270	7.312.621	70,49%	10,70%
Total	36.419.387	68.348.942	87,67%	100,00%

Fonte: FAO, 2011

O contraste fica evidente na comparação das duas tabelas. O país com maior potencial para a produção pesqueira, o Brasil, principalmente via aquicultura, responde por apenas uma proporção ínfima da produção mundial

De forma idêntica, a posição do Brasil na produção de camarão, quer seja extrativo ou cultivado, não guarda a mínima relação com o seu extraordinário potencial para a exploração desta atividade. (Tabela 07)

Tabela 07: Principais Produtores e Evolução da Produção Mundial de Carcinicultura (x1.000 T).

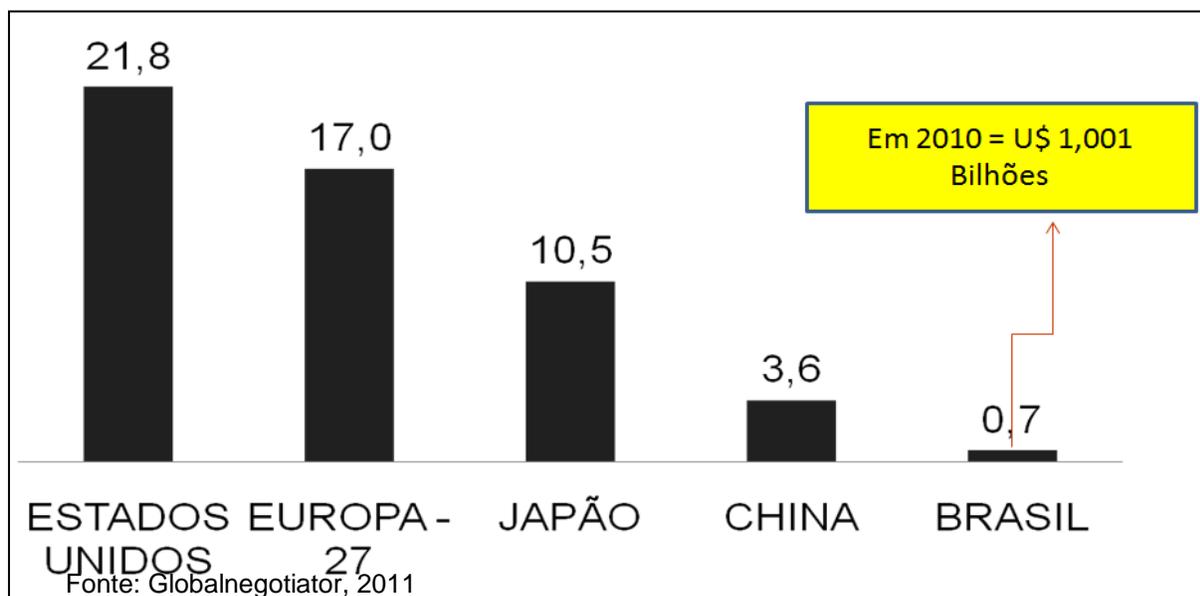
Principais produtores (pesca extrativa)	2003	2008	Cresc. da Produção (%)	Principais produtores (Aquicultura)	2003	2008	Cresc. da Produção (%)
	Produção (T)	Produção (T)			Produção (T)	Produção (T)	
China	1.238.431	1.122.018	-9,40%	China	687.628	1.268.074	84,41%
Índia	417.039	375.785	-9,89%	Tailândia	330.725	507.500	53,45%
Indonésia	240.743	270.090	12,19%	Indonésia	191.148	408.346	113,63%
Canadá	146.044	168.900	15,65%	Vietnã	231.717	381.300	64,55%
Groelândia	84.764	140.225	65,43%	Equador	77.400	150.000	93,80%
EUA	142.261	116.391	-18,18%	México	45.857	130.201	183,93%
Vietnã	102.839	113.300	10,17%	Índia	113.240	86.600	-23,53%
Malásia	73.197	80.417	9,86%	Bangladesh	56.503	67.197	18,93%
México	78.048	66.087	-15,33%	Brasil	90.190	65.000	-27,93%
Filipinas	46.373	47.101	1,57%	Filipinas	37.033	48.199	30,15%
Noruega	65.564	30.856	-52,94%	América Central*	85.169	131.370	54,25%
Outros	696.902	589.396	-15,43%	Outros	102.401	155.318	51,68%
Total	3.332.205	3.120.566	-6,35%	Total	2.049.011	3.399.105	65,89%

AMERICA CENTRAL : Venezuela, Peru, Panamá, Nicarágua, Honduras, Guyana, Guatemala, El Salvador, Republica Dominicana, Cuba, Costa Rica, Colômbia, Belize.

Fonte: FAO, 2011

A importância do setor pesqueiro como vetor de geração de divisas pode ser apreciada na Figura 06, na qual estão estampados os valores das importações de pescados pelos principais países consumidores, com destaque para a China como maior produtor mundial de pescado e para o Brasil como detentor de maior potencial de produção.

Figura 06 – Principais países importadores de Pescado em US\$ bilhões



Quanto ao impacto social e econômico do cultivo do camarão marinho, importante estudo realizado pelo Departamento de Economia da UFPE (2003) evidenciou ser este o segmento do setor primário do Nordeste que mais gera emprego por unidade de área trabalhada: 3,75/ha, comparados com 0,86/ha do coco; 1,05/ha da cana-de-açúcar, 1,12/ha da manga e 2,14/ha da uva, com realce para o fato de que 88% desses empregos serem ocupados por trabalhadores sem qualificação profissional (Tabela 06). Com referência à inclusão social desse segmento, chama a atenção o importante fato de que 75% dos seus empreendimentos pertencem a micro e pequenos produtores, enquanto que 20% são de médios e apenas 5% são grandes produtores. Afora isso, cabe ressaltar que em 2003 a participação da mão-de-obra feminina, nas indústrias de processamento, correspondeu a 14% dos seus empregos formais.

Outro estudo realizado em 2004 por pesquisadores da mesma Universidade (UFPE) mostrou que 63% e 91% dos empregos com carteira assinada, respectivamente nos Municípios de Jandaíra (BA) e Cajueiro da Praia (PI), tinham origem na carcinicultura, atividade que também contribuiu com 25,6 e 30,0 % das respectivas receitas tributárias municipais. (Tabelas 08).

Tabela 08: Geração de Emprego: Principais Atividades Primária da Região Nordeste (2003).

UNIDADE	GERAÇÃO DE EMPREGOS DIRETOS POR HECTARE	GERAÇÃO DE EMPREGOS INDIRETOS POR HECTARE	TOTAL
UVA	1,44	0,70	2,14
MANGA	0,42	0,70	1,12
CANA-DE-AÇÚCAR	0,35	0,70	1,05
COCO	0,16	0,70	0,86
CAMARÃO CULTIVADO	1,89	1,86	3,75

FONT E: SAMPAIO & SAMPAIO – 2003;

Tabela 09: Contribuição da Carcinicultura para a Geração de Emprego e Receita Tributária em 10 Municípios/Polos de Carcinicultura no Nordeste Brasileiro em 2004.

MUNICÍPIO	PEA	EMPREGO TOTAL GERADO PELA CARCINICULTURA	% DA PEA	EMPREGO NA CARCINICULTURA NA RAIS (%)	RECEITA TRIBUTÁRIA (%)
CAJUEIRO DA PRAIA-PI	3.559	442	12.4	91	30
ACARAÚ-CE	27.240	1.831	6.7	13	10.1
ARACATI-CE	37.376	3.657	9.8	22	11.7
CANGUARETAMA-RN	15.103	1.935	12.8	20	ND
PENDENCIAS-RN	7.010	2.169	30.9	48	14.5
PORTO DO MANGUE-RN	2.393	825	34.5	33	58.2
GOIANA-PE	44.980	629	1.4	6	3.3
ITAPISSUMA-PE	12.359	352	2.6	11	2.8
VALENÇA-BA	47.409	995	2.1	13	3.3
JANDAÍRA-BA	5.427	583	10.7	63	25.6

Sampaio et al.,(2004)

O impacto socioeconômico do camarão marinho cultivado, é importante destacar, se processa em harmonia com um meio ambiente equilibrado e preservado, como foi demonstrado pelo estudo-pesquisa do Profº Lourinaldo B. Cavalcanti (2.000) na sua Tese de Doutorado, realizada no Projeto Aquamaris/PB, de Março a Dezembro de 2.000 (Tabela 10)

Tabela 10– Dados hidrobiológicos obtidos nas estações de coleta (Pontos de captação e de drenagem dos viveiros) durante o ano de 2000 (Projeto Aquamaris – J. Pessoa-PB)

Dados	Data	Rio Paraíba (ponto de captação)			Viveiros (drenagem)		
		BM	PM	Média	Viv. B2	Viv. 15	Média
Oxigênio Dissolvido (ml.L)	22/3/2000	0,51	3,17	1,84	5,47	4,42	4,9
	14/4/2000	0,00	2,75	1,38	6,39	6,64	6,5
	30/6/2000	3,97	3,04	3,51	6,83	7,41	7,1
	14/8/2000	2,90	4,22	3,56	7,14	3,53	5,3
	27/10/2000	2,68	3,35	3,02	6,81	5,69	6,3
	9/12/2000	3,79	3,54	3,67	5,22	6,12	5,7
Amônia-N (µmol.L)	22/3/2000	4,60	2,77	3,69	0,274	0,600	0,4
	14/4/2000	0,51	5,04	2,78	0,270	0,001	0,1
	30/6/2000	2,57	2,91	2,74	0,108	0,346	0,2
	14/8/2000	3,05	1,80	2,42	0,013	0,552	0,3
	27/10/2000	1,87	2,45	2,16	0,119	0,007	0,1
	9/12/2000	5,73	5,43	5,58	0,522	0,395	0,5
Nitrito-N (µmol.L)	22/3/2000	0,67	1,46	1,06	0,000	0,581	0,3
	14/4/2000	1,66	1,62	1,64	0,101	0,019	0,1
	30/6/2000	1,09	2,16	1,63	0,024	0,017	0,0
	14/8/2000	1,46	0,88	1,17	0,035	0,000	0,0
	27/10/2000	0,54	0,47	0,51	0,000	0,000	0,0
	9/12/2000	3,35	2,01	2,68	0,023	0,000	0,0
Fosfato-P (µmol.L)	22/3/2000	3,86	2,85	3,35	2,07	1,04	1,6
	14/4/2000	6,69	3,36	5,02	2,58	1,17	1,9
	30/6/2000	2,14	2,82	2,48	1,08	0,66	0,9
	14/8/2000	3,84	2,65	3,24	2,33	1,55	1,9
	27/10/2000	2,12	1,99	2,05	1,59	0,73	1,2
	9/12/2000	4,37	3,59	3,98	1,99	2,00	2,0

FONTE: CAVALCANTI, 2003.

Nesse mesmo contexto, a Tese de Pós-Doutorado: **Influencia do Meio Ambiente em Áreas de Risco na Qualidade Bacteriológica do Camarão Cultivado no estado do Ceará**, do Dr. Raul Mário Malvino Madrid, PhD, analista ambiental do IBAMA/CE, mais especificamente no item 8 de suas "Conclusões", define textualmente:

“De forma geral pode-se dizer que, estatisticamente, a água do viveiro em termos microbiológicos é mais limpa que a água de abastecimento das fazendas, o que se permite deduzir que os viveiros de camarão atuam como piscinas de estabilização e depuração de efluentes. A contaminação de coliformes totais e coliformes fecais da água dos viveiros foi reduzida em 30 e 35 %, respectivamente, quando comparada com a água de captação”, ou seja,

mais uma constatação que partindo de um técnico altamente qualificado, do próprio IBAMA, não deixa dúvida sobre o papel benéfico da carcinicultura para o meio ambiente adjacente a sua exploração.

Por outro lado, a preocupação manifestada por grupos ambientalista sobre a preservação das florestas de mangue nos estuários do Nordeste, onde se desenvolve a carcinicultura marinha, teve resposta com o estudo realizado pela UFCE, juntamente com a ISME e com apoio da ABCC e do CNPq, cujo resultado identificou que as áreas de manguezais nos principais Estados produtores de camarão da Região Nordeste, cresceram 36,11 % no período de 26 anos (1978-2004), ou seja, antes do início da carcinicultura e depois do seu ápice (Tab. 11). Nesse quesito o Brasil se destaca como o país tropical que preserva suas florestas de mangue paralelamente ao desenvolvimento do cultivo do camarão marinho.

Tabela 11- Estudo da cobertura de mangues do Nordeste

Estado	Áreas (ha) (1978)	Áreas (ha) (1999-2004)	Variação (ha)	Variação (%)
PI	2.994	4.040	+1.046	+34,94
CE	14.043	17.658	+3.615	+25,74
RN	10.819	12.971	+2.152	+19,89
PB	6.888	9.631	+2.743	+39,82
PE	9.661	16.138	+6.477	+67,04
TOTAL	44.404	60.438	+16.034	+36,11





Estudo conduzido pelo Instituto de Ciências do Mar da Universidade Federal do Ceará (LABOMAR) e por pesquisadores do Instituto Internacional para Ecossistemas de Manguezal – ISME/BR demonstraram um incremento de 1.28 hectares de mangue (16,034 ha) para cada hectare de viveiro de camarão (12,543 ha) implantado no referido período.

Fonte: Maia *et al.*, 2005 - ESTUDO DAS ÁREAS DE MANGUEZAIS DO NORDESTE DO BRASIL: Avaliação das áreas de manguezais dos Estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

A análise do setor pesqueiro nacional permite ainda salientar que enquanto no segmento das proteínas de origem animal (carnes vermelha e branca) cujo trading mundial foi de pouco mais de US\$ 40 bilhões de dólares, em 2010, o Brasil participou com 34% (US 13,6 bilhões), no trading mundial de pescado, em 2008 (US\$ 102,7 bilhões de dólares), essa mesma participação foi de apenas 0,27 % (US\$ 274,00 milhões).

Por outro lado, para agravar o quadro do setor pesqueiro brasileiro, em 2010 o país despendeu R\$ 1,3 bilhões de reais com seguro defeso para os pescadores artesanais, que mesmo assim ficaram insatisfeitos e o Brasil deixou de priorizar a produção de um alimento nobre, gerando oportunidades de negócios, emprego, renda e divisas num meio rural extremamente carente de atenção..

A relevância dessa cifra do trading mundial do setor pesqueiro não está apenas no seu montante, mas, também, no fato de que a China, maior produtor mundial de pescado (57,8 milhões de toneladas, em 2008), já ocupa o terceiro lugar nas importações mundiais desse produto (2,2 milhões de toneladas em 2009), sendo que o seu consumo per capita de 28kg/ano é bem inferior ao da maioria dos países asiáticos (50 a 60 kg/ano), o que significa dizer que a mesma sempre representará um cliente em potencial para o Brasil..

Adicionalmente, comparado com países como Peru (7.4 milhões de toneladas), Chile (4,8 milhões de toneladas), Vietnã (4,6 milhões de toneladas) e Tailândia (3,8 milhões de toneladas), o Brasil, detentor de extraordinária potencialidade para a produção pesqueira, além de uma razoável infraestrutura básica, não pode se contentar com uma produção setorial registrada pela FAO para o ano de 2008 de apenas 1.065.186 toneladas. Especialmente, porque segundo a própria FAO, o déficit mundial

anual de pescado projetado para 2030 é de 30 milhões de toneladas, o que cria para o Brasil, com seu reconhecido potencial para a exploração da aquicultura, amplas possibilidades de atender parte importante dessa demanda com a conseqüente e importante ampliação de seu comércio exterior.

Em face ao exposto e tendo presente a premente necessidade de aumentar a oferta de pescado para o consumidor brasileiro, cujo consumo per capita (8,2 kg/ano) está bem abaixo do recomendado pela OMS (12,0 kg/per capita) e menos de 50% do consumo médio mundial (17,0 kg/per capita), bem como de contribuir para uma urgente recuperação da competitividade das exportações dos produtos pesqueiros nacionais, considerando ainda a necessidade de viabilizar a exploração do vasto potencial natural que o Brasil dispõe em todas suas macro regiões com a geração de emprego, renda, divisas e oportunidades de negócios no meio rural, faz-se necessário uma atenção especial do Governo para esse importante e estratégico setor.

Nesse contexto, o setor aquícola e pesqueiro, por meio das suas principais representações de classe: ABCC (ANCC, ACCC, ACCN, ACCPI e ACCPB) e CONEPE, reivindicam o apoio do Ministério da Fazenda/Governo Federal, para que, em parceria com o Congresso Nacional, conceda ao pescado brasileiro o mesmo tratamento tributário atribuído às carnes vermelhas e brancas, no tocante à isenção do PIS/COFINS, bem como, a sua inclusão no programa de desoneração da folha de pagamento, objeto de ações já realizadas pelo Governo Federal, para outros setores da nossa economia. Em suma, as nossas prementes reivindicações envolvem basicamente os seguintes pleitos e benefícios fiscais:

- *Que seja concedido ao pescado, nas vendas internas, uma isenção especial da PIS/COFINS, envolvendo também os insumos utilizados pela aquicultura, conforme minuta de norma legal em anexo.*
- *Que seja concedido ao setor pesqueiro, como incentivo a industrialização, ao retorno das exportações e conseqüentemente, a sua recuperação econômica, idêntico benefício do programa de desoneração da folha de pagamento, conforme minuta de norma legal em anexo, inclusive, já concedido a outros setores da nossa economia,...*